

Palácio das Artes | EXPOSIÇÃO 2009

MIL MORADAS E UMA

Adel Souki

ad infinitum

O que arrebatou Adel Souki foi a ideia de infinito. Ideia que ela encontrou na palestra de Borges¹ sobre as histórias inventadas e reunidas em diversas versões e edições e conhecidas como *As mil e uma noites*. A beleza desta nome encantou Borges, para quem "de mil" é quase sinônimo de infinito e "mil e uma" é ir além do infinito. Ainda segundo o escritor argentino, *os árabes dizem que ninguém pode ler As mil e uma noites até o fim. Não por tédio, mas porque se sente que o livro é infinito*. Os árabes dizem e Borges reafirma: *Trata-se de um livro tão vasto que não é preciso lê-lo. Ele é parte prévia de nossa memória*.

O que encantou Borges, envolveu Adel.

As Mil moradas e uma também estão inscritas em nosso cotidiano, em nossas memórias, em nossos corpos, em todos os nossos sentidos. E, assim como o livro, enredam tramas, fantasias, sonhos, tristezas, alegrias, devaneios, mistérios, rituais.

E, mesmo porque não formam um texto, também não precisam e não podem ser lidas. As "moradas" se apresentam a partir de "mil e uma" mãos, infinitas ideias. São moradas imaginadas, sonhadas, vividas e construídas por crianças e jovens da cidade, da periferia e da zona rural. Foi com elas que Adel compartilhou seu desejo de construção de *Mil moradas e uma*, um projeto que só faz sentido com o outro, no coletivo, na troca e na generosidade de cada um que se dispôs a aceitar o desafio de fazer a "uma" morada. Apenas "uma", além das outras "mil", construída com argila e a partir de escutas, apropriações, transformações e desprendimentos. Tudo no plural, mas demarcado por singularidades, subjetividades.

As Mil moradas e uma definitivamente não se fecham. Pelo contrário, o espaço se dilui impregnado de vozes, atravessando muros e paredes descobertas, e reverbera pelas memórias suscitadas e gravadas no processo de modelagem do barro, na construção das Moradas. Os ruídos, as conversas e os comentários, que compõem a instalação, reativam alguns caminhos percorridos pelas crianças e jovens, e chegam até aqui para nos levar até lá, não sei exatamente onde. *Voyeurisme?* Acho que não... Me parece mais um deslocamento provocado pela intenção de compartilhar experiências *ad infinitum*.

Juliana Gouthier

Artista plástica e professora da Escola de Belas Artes - UFMG

¹BORGES, Jorge Luis. *Sete noites*. São Paulo: Editora Max Limonad Ltda., 1997 (pp 69-88)

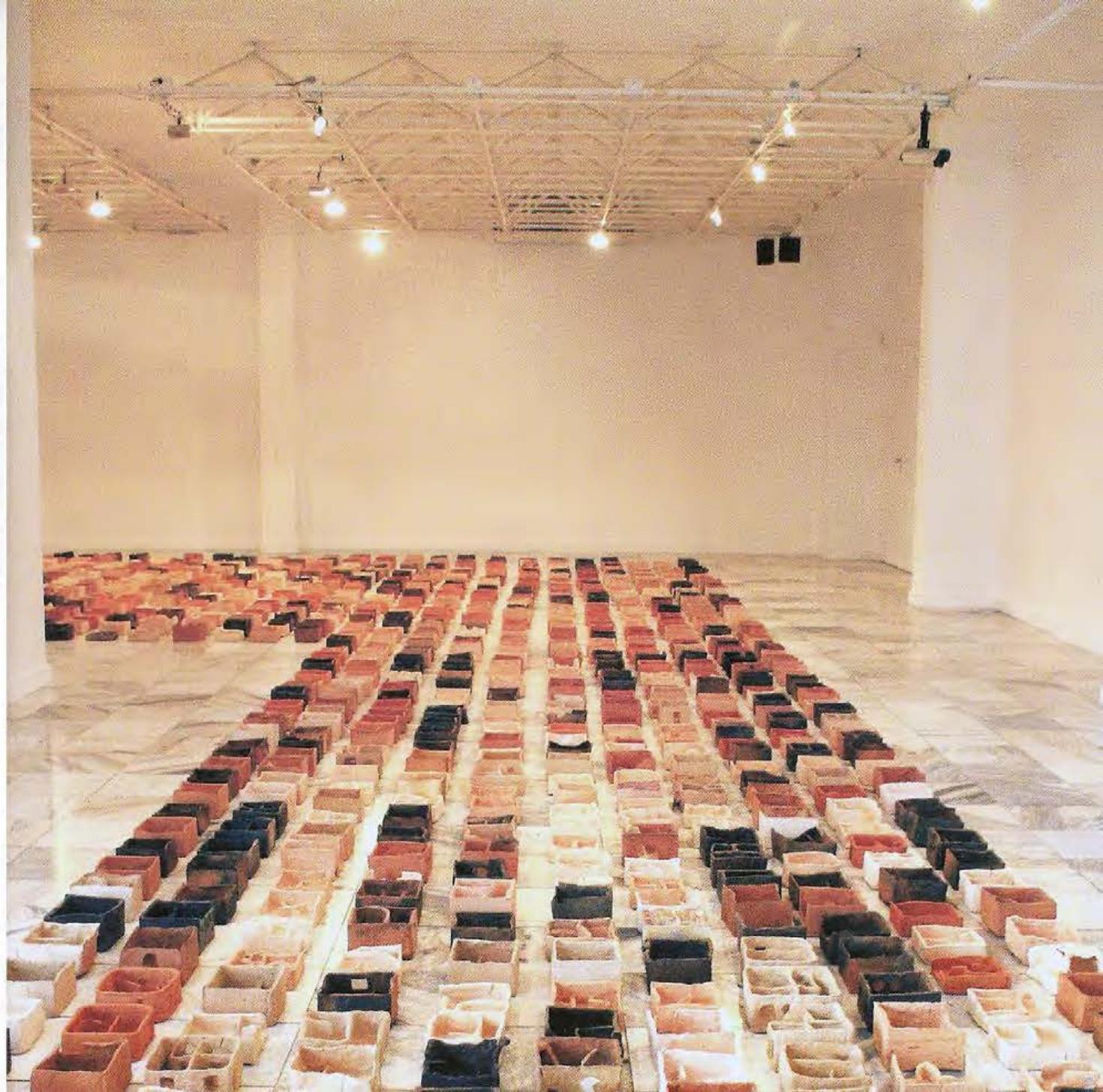
MIL MORADAS E UMA > Adel Souki

03 a 25 agosto 2009

Exposição > Galeria Arlinda Correa Lima > segunda 16h às 21h, terça a sábado 9h30 às 21h > domingo 16h às 21h

25 agosto 2009

Bole-papo e lançamento do catálogo > Teatro João Caesariatti > 19h



"ad infinitum" English Version

What snatched Adel Souki was the idea of infinite. Idea that she found in Borges' [1] lecture on the invented histories -- gathered in several versions and editions -- known as "As Mil e Uma Noites" ("Arabian Nights". In Portuguese its verbatim translation is "The One Thousand and One Nights"). The beauty of this name enchanted Borges, for whom "Thousand" is almost a synonymous of infinite, and "Thousand and One", remits to beyond the infinite. Still, according to the Argentinean writer, "the Arabs say that nobody can read the "Arabian Nights" ("The One Thousand and one Nights") up to the end. Not due to boredom, but because of the feeling that book is infinite". The Arabs say – and Borges reaffirms that: "Arabian Nights is such a vast book that is not necessary to read it, once it is a previous part of our memory." What enchanted Borges, involved Adel.

The Mil Moradas e Uma ("Thousand Homes and One") are also enrolled in our daily life, in our memoirs, in our bodies – in all our senses. And, as well as the book, this work entangle plots, fantasies, dreams, sadness, happiness, dreams, mysteries and rituals.

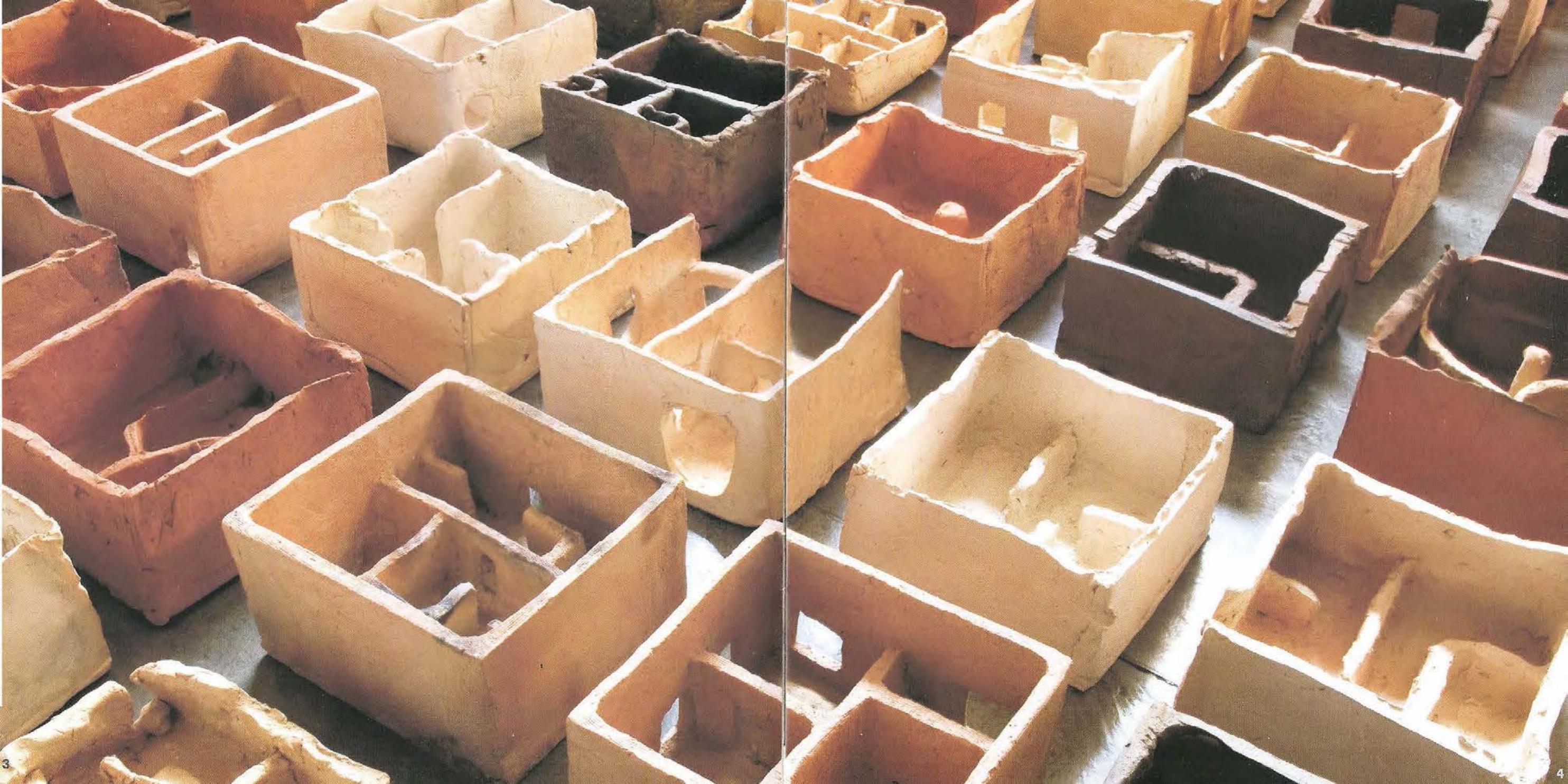
And yet, because they don't form a text, they also don't need, and cannot be, read. The Moradas ("Homes") come from the infinite ideias of Thousand and One hands. They are imagined, dreamed, lived and built by children and youngsters from the city, as well as from the outskirts and rural zones. It was with them that Adel shared her desire of construction of a Mil Moradas e Uma ("Thousand Homes and One"), a project that only makes sense with the collaboration of others, as a collective enterprise. It only makes sense in the change and in generosity of each one that was inclined to accept the challenge of building One home ("Morada"). Just One – besides the other Thousand – built with clay, and reckoning from listenings, appropriations, transformations and detachments. Everything in the plural, but demarcated by singularities, subjectivities.

The Mil Moradas e Uma ("Thousand Homes and One"), definitively don't close. On the contrary, the space - impregnated of voices - is diluted, crossing gates and discovered walls, and it reverberates for the evoked memoirs and recorded in the mud modeling process, used in the construction of the Moradas ("Homes"). The noises, the chats and the comments, which compose the installation, reactivate some roads traveled by the children and youngsters -- and they get here to take us there -- not know exactly where. Voyeurism? I don't think so... looks like one more displacement provoked by the intention of sharing experiences ad infinitum.

Juliana Gouthier

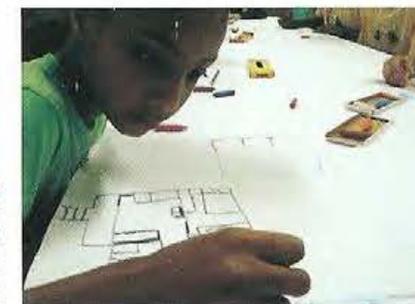
Artist and professor of the School of Fine Arts of the Federal University of Minas Gerais (UFMG) - Brazil

[1] Borges, Jorge Luís. Sete Noites. São Paulo: Editora Max Limonad Ltda. 1987 (pps. 69–88).

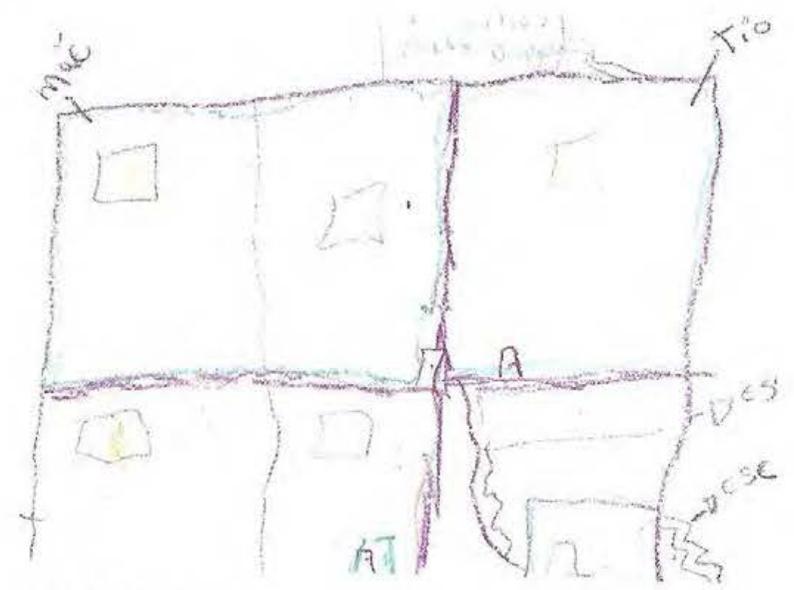




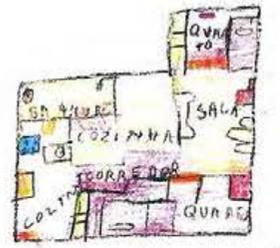
o quarto de todo mundo é junto... pegava dois lençóis, costurava e colocava palha dentro... tinha uma bacia grandona de tomar banho... pelo buraco da laje a gente vê a caixa d' água... dou graças a deus por minha casa... a água do banho era jogada pela janela até chegar na fossa... três quartos, uma sala, banheiro e porão... a goteira já estragou três televisões... como pode entrar na casa sem porta?... abria a flanela no chão e deitava bem quentinha... a água era esquentada numa lata de banha... lá em casa moram três famílias... a gente colocou um cano lá e a água saiu bem limpinha...



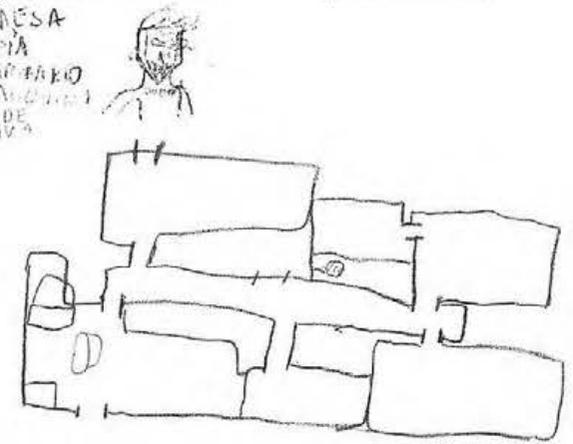




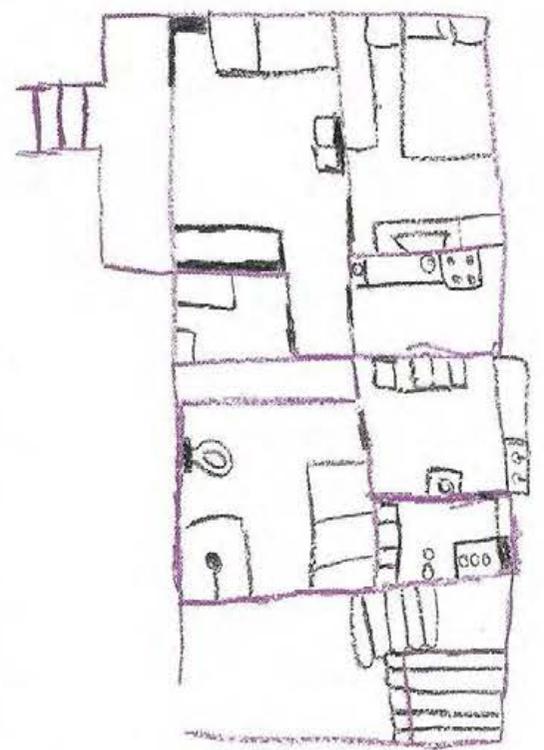
- COISAS DA
MINHA CASA
TELEVISÃO
- SSM
 - PORTA
 - FOGÃO
 - CAMA
 - SOFA
 - SANITARIO
 - CHUVEIRO
 - GUARDA-ROUPA
 - BICICLETAS
 - MESA
 - PIA
 - ARMARIO
 - BARRIL DE LAVA

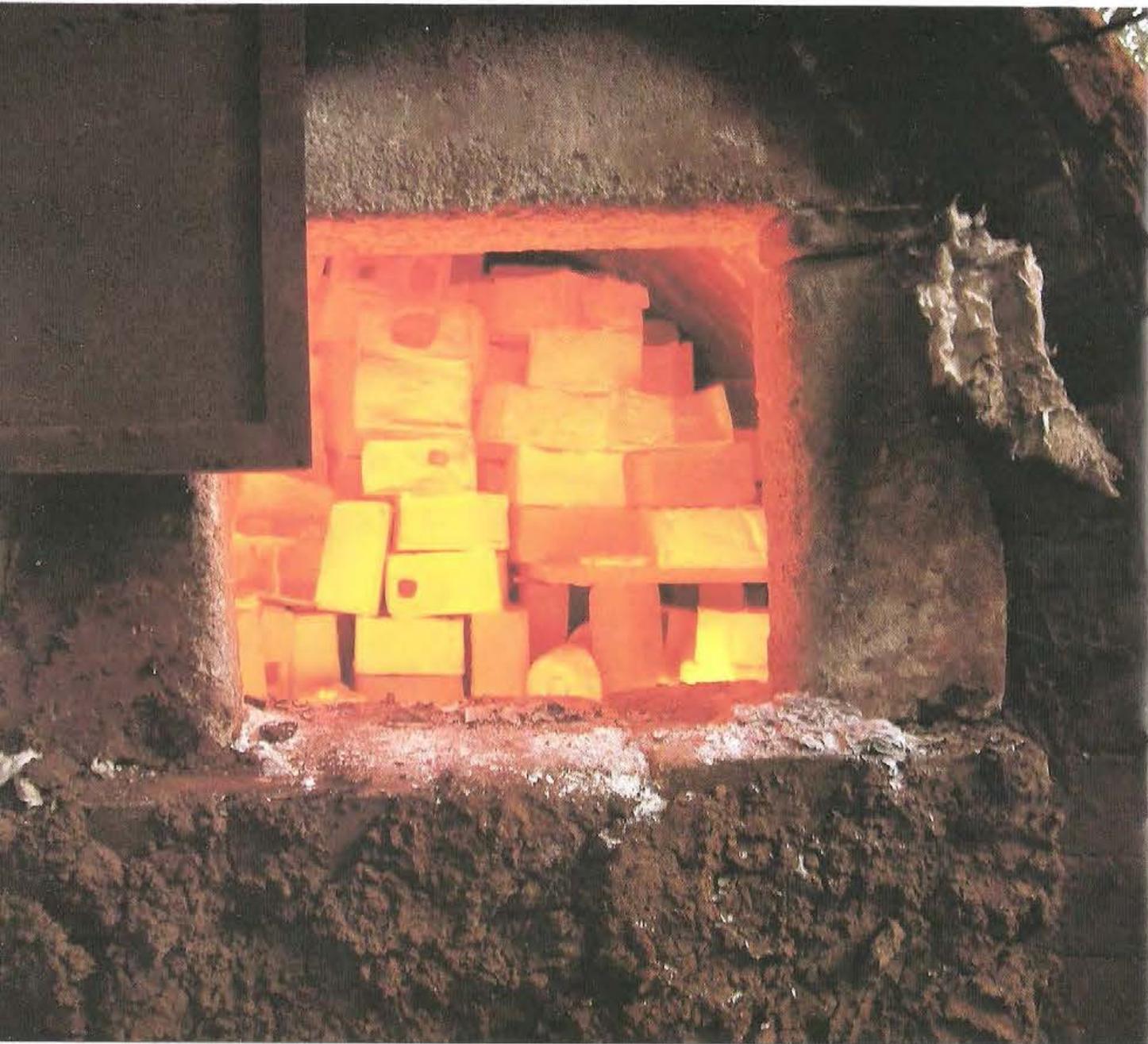


CASA 773

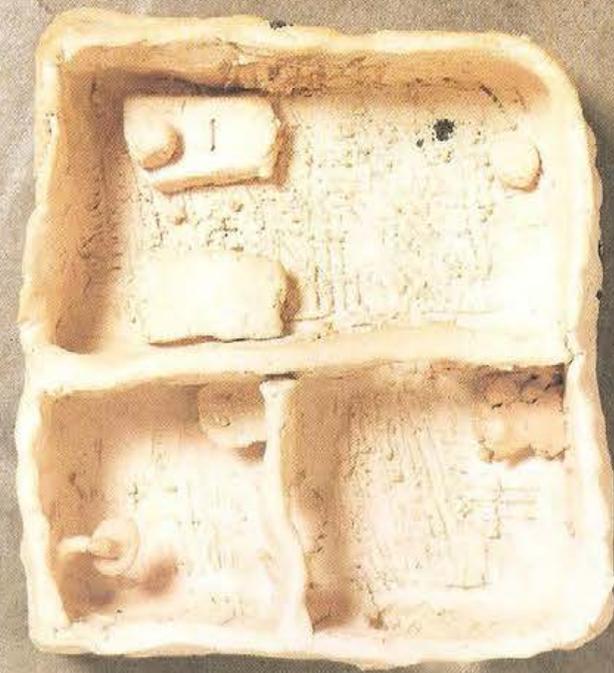


- LUGARES DA
MINHA CASA
- QUARTO
 - BANHEIRO
 - COZINHA
 - CORREDO
 - SALA





Forno de cerâmica durante uma das queimas das *Moradas* (atelier da artista)





Adel Souki
Divinópolis/MG
adelsouki@terra.com.br

Formação
Escola Guignard/UEMG (1978-1982)

Exposições individuais

Construtura, Centro de Artes da Estação Ferroviária de Divinópolis/MG (2004); *Como fazer uma casa*, Galeria de Arte da Cemig, Belo Horizonte/MG (2003); *Mistérios*, Espaço Cultural dos Correios, Rio de Janeiro/RJ (2001); *Capela Senhor Bom Jesus da Pobreza*, Tiradentes/MG (2000); Galeria de Artes da UFES, Vitória/ES (1997); *Kolams* Galeria de Arte, Belo Horizonte/MG (1996); *Fundação de Arte de Ouro Preto/MG* (1995).

Exposições coletivas

Ô de Dentro, Ô de Fora — Multiparidade do Parque ao Palácio, Palácio das Artes, Belo Horizonte/MG (2007); *Panorama das Artes Plásticas*, Uberaba/MG (2004)*; *Arte mineira, raízes e modernidade*, Casa Aristides, Nova Lima/MG (2004); Espaço Cultural de Diamantina/MG (2002); *Brasil do Novo Milênio*, Funalfa, Juiz de Fora/MG (2001); Gabinete de Arte da Prefeitura de Belo Horizonte/MG (2000); *Ouviramdú*, Escola Guignard, BH/MG; *Todos os fogos*, Galeria da EBA/UFMG (1999); *Territórios*, Centro Cultural da UFMG (1999); *Escultura contemporânea de Minas Gerais*, Palácio das Artes, BH/MG (1998); *A ponte*, Palácio das Artes, BH/MG (1997); *Prospecções: Arte nos anos 80 e 90*, Palácio das Artes, BH/MG (1997); Itaú Galeria, BH/MG (1997); *Três inscrições na Terra*, Museu da Inconfidência, Ouro Preto/MG (1996); *Salão Nacional de Salvador*, BA (1995); *Ritos*, Espaço Cultural da Cemig, BH/MG (1995); *50 anos de Escola Guignard*, BH/MG (1994); *Identidade virtual*, FAOP, Ouro Preto/MG; Itaú Galeria, São Paulo/SP; Itaú Galeria, Vitória/ES (1992); *I Salão de Artes Visuais*, Palácio das Artes, BH/MG (1985); *VI Salão Nello Nuno*, Palácio das Artes, BH/MG (1981)*, *XIII Salão Nacional do Museu de Arte da Pampulha*, BH/MG; *IV Salão Nello Nuno*, Palácio das Artes, BH/MG (1979).

* indica Prêmios

Publicação

Circuito Atelier Adel Souki — Depoimento. Editora C/Arte. Belo Horizonte: 2007

Agradecimentos

Cecília Aparecida da Carmo Silva, Fábio Júnio Cezário, José Grimaldi, Mariúcia Temporini, Messias Mendes, Nélso da Silva, Nydia Negromanta, Sebastiana Flávia Marcelino.

Programação Visual > Ana Luiza Robalo

Fotos panorâmicas > Paulo Locatelli

Fotos dos trabalhos > Miguel Aun e Adel Souki (p.11)

Som > Juliana Serra

José Ricardo

Comissão de Seleção da Edital Artes Visuais 2009-2010

Angelica de Moraes

Francisco Magalhães

Sévio Rosta

Sebastião Miguel

Tiago Mesquita

Artista selecionada através do Edital Artes Visuais 2009-2010

GOVERNADOR DO ESTADO DE MINAS GERAIS AÉCIO NEVES
VICE-GOVERNADOR DO ESTADO DE MINAS GERAIS ANTÔNIO AUGUSTO JUNHO ANASTASIA
SECRETÁRIO DE ESTADO DE CULTURA PAULO EDUARDO ROCHA BRANT
SECRETÁRIA-ADJUNTA DE ESTADO DE CULTURA SYLVANA DE CASTRO PESSOA SANTANA
PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO CLÓVIS SALGADO LÚCIA CAMARGO
VICE-PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO CLÓVIS SALGADO NESTOR DE OLIVEIRA
CHEFE DE GABINETE DA FUNDAÇÃO CLÓVIS SALGADO KIKO VIEIRA
DIRETORA DE PLANEJAMENTO, GESTÃO E FINANÇAS TÂNIA MARA BORGES BOAVENTURA
DIRETORA ARTÍSTICA SANDRA COSTA ALMEIDA DE LINO FARIA
DIRETORA DE MARKETING, INTERCÂMBIO E PROJETOS ESPECIAIS MÔNICA CERQUEIRA
DIRETORA DE ENSINO E EXTENSÃO PATRÍCIA AVELLAR ZOL
DIRETORA DE PROGRAMAÇÃO CLÁUDIA GARCIA ELIAS
GERENTE DE ARTES VISUAIS DOMINGOS SÁVIO REALE PEREIRA
CHEFE DE DEPARTAMENTO DE ARTES PLÁSTICAS FÁBIO DANIEL GUIMARÃES
ASSISTENTE DE PRODUÇÃO WANDA MUCCHIUT
MONTAGEM EDIVALDO GOMES DA CRUZ, VITORINO RIBEIRO NETO E WILTON BERNARDINO MARQUES
ESTAGIÁRIOS ALEXANDRE DE CASTRO, ANDRÉ PERSECHINI E BÁRBARA SCHALL
ASSESSORA TÂNIA BERNARDES
ACERVO FERNANDO PACHECO

A Fundação Clóvis Salgado agradece seus patrocinadores 2009

USIMINAS U

CEMIG
A Melhor Energia do Brasil.

Parceiros Institucionais



Ministério
da Cultura



Realização

FUNDAÇÃO
CLÓVIS SALGADO
palácio das artes



Fundação Clóvis Salgado | Palácio das Artes
Av. Afonso Pena 1537, Centro | 30130-004 | Belo Horizonte MG Brasil
Informações 31 3236 7400 | www.fcs.mg.gov.br

ADEL
SOUKI
COMO
FAZER
UMA
CASA



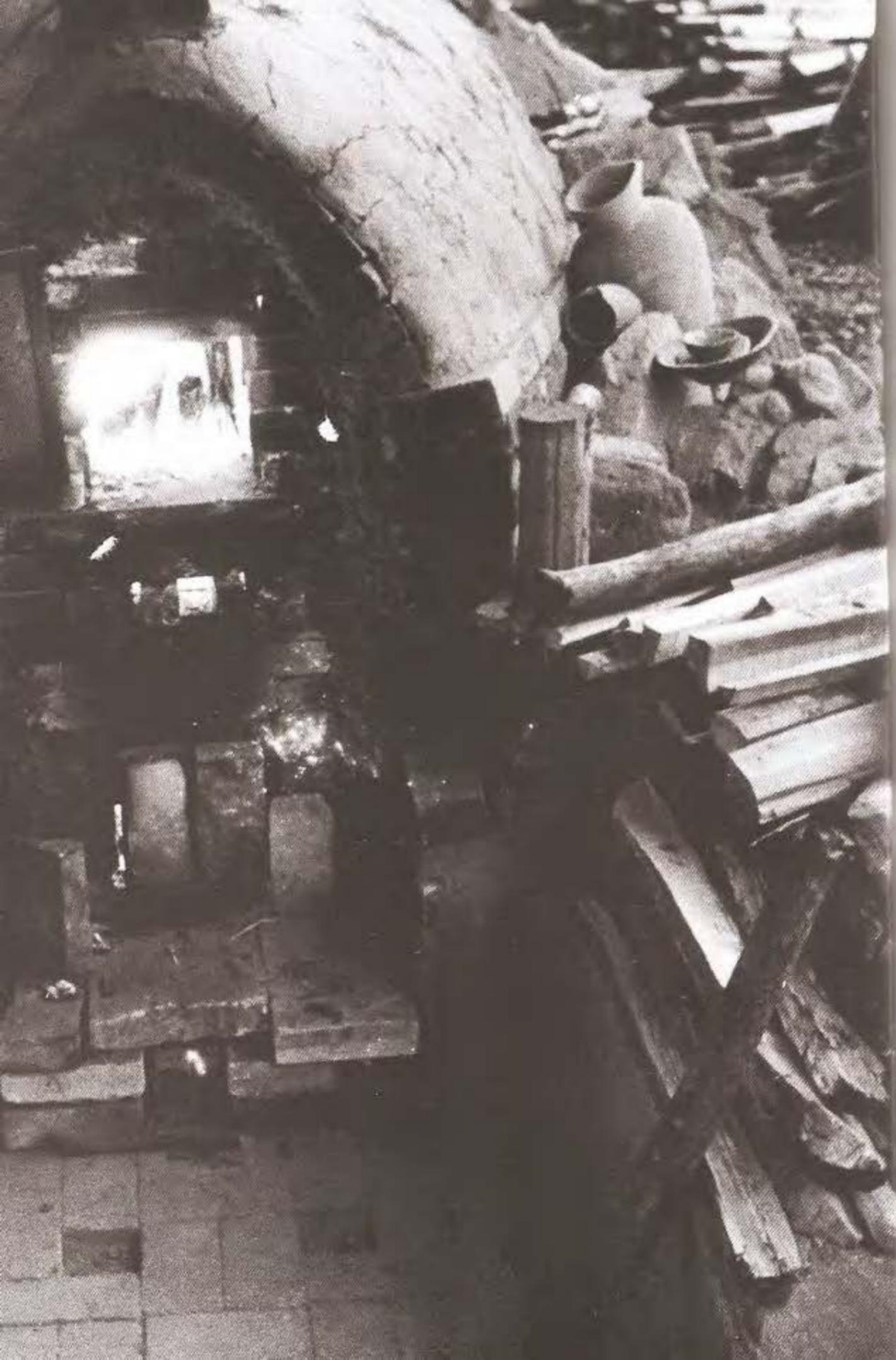




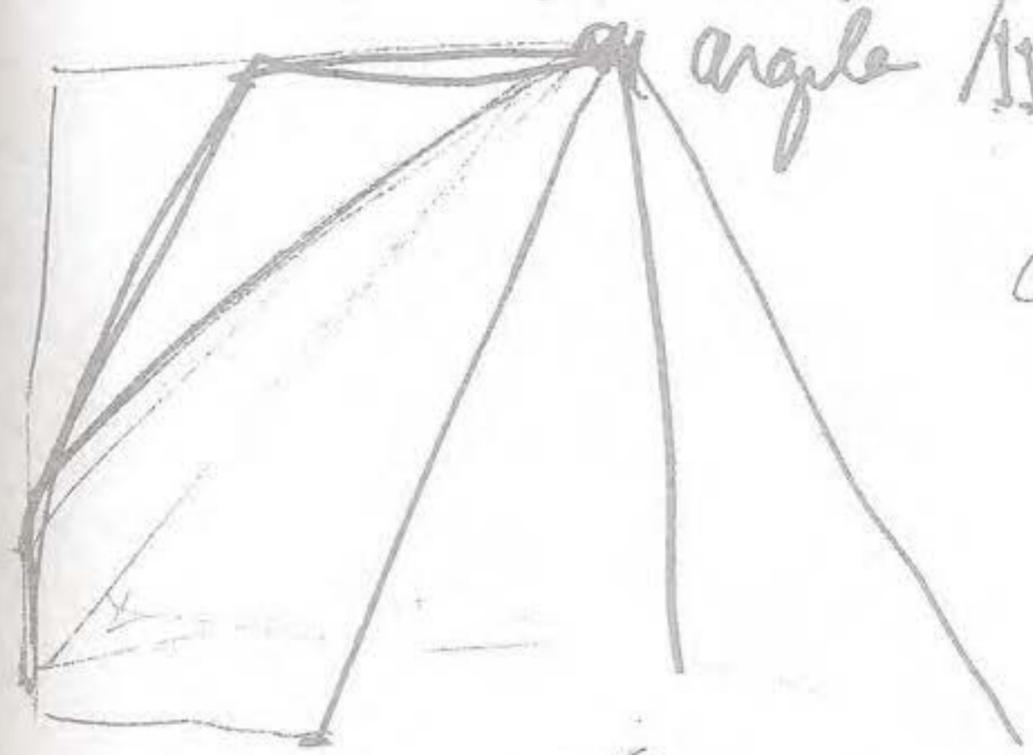




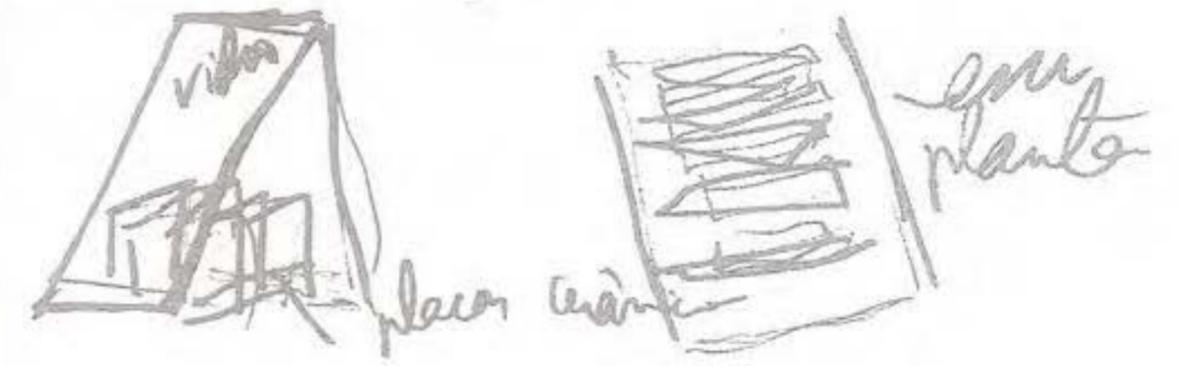
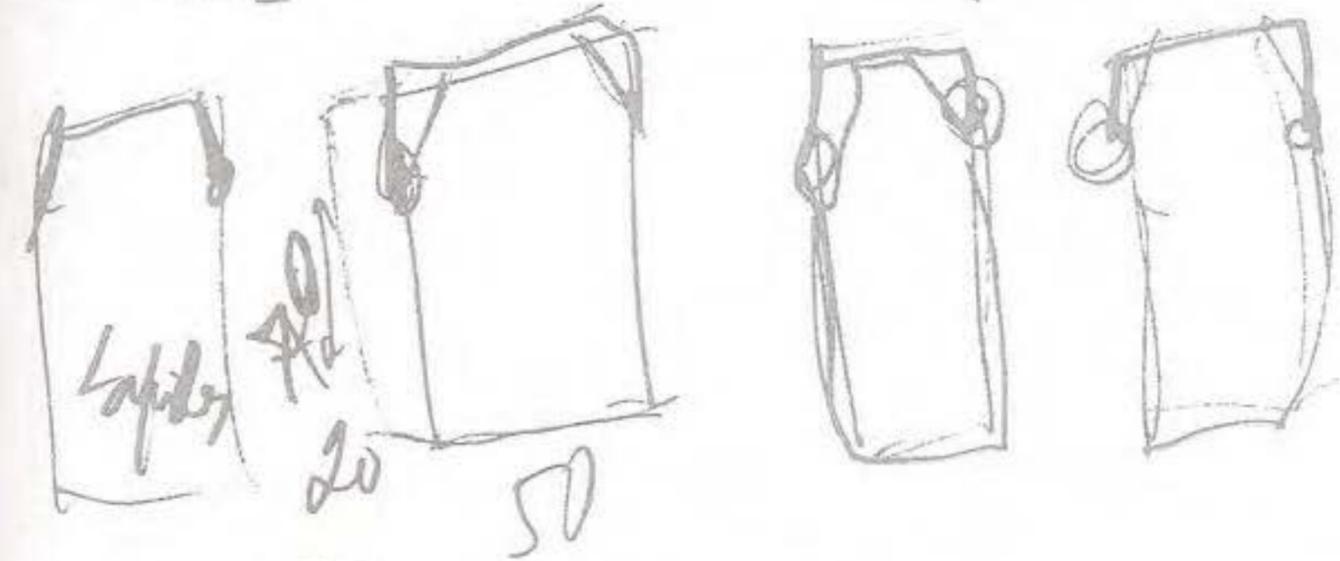




NUMERO au Varas
au angle

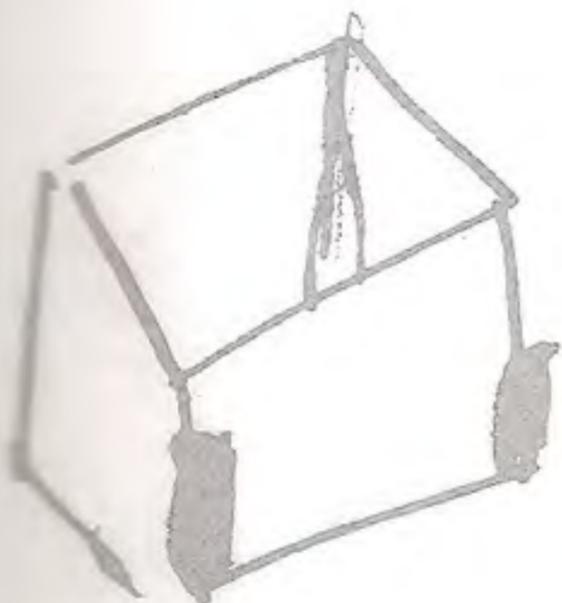


cerâmica

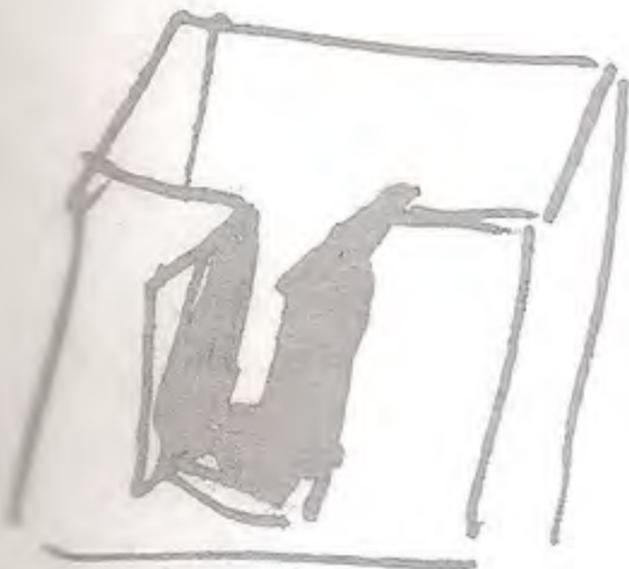
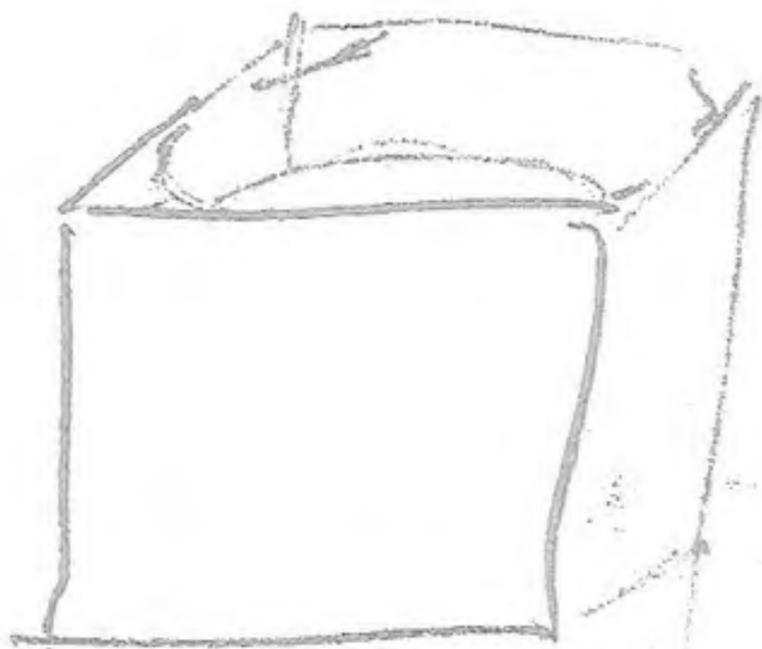


com
planta

CAIXAS - MISTÉRIOS CONSTRUÇÃO

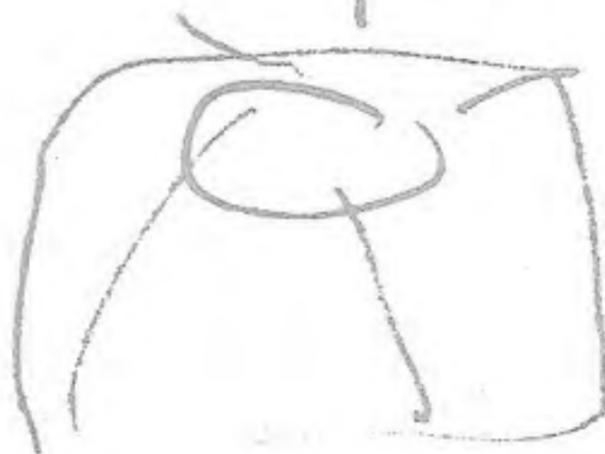
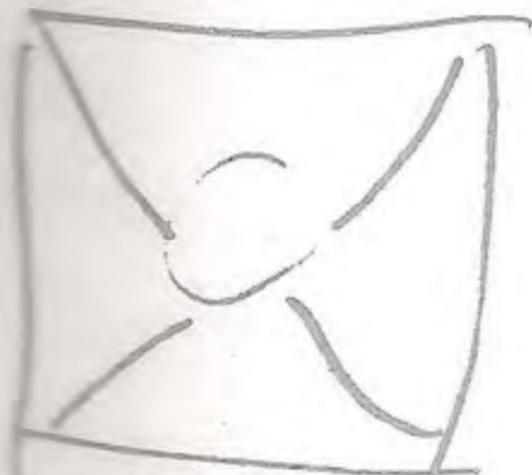


quinas



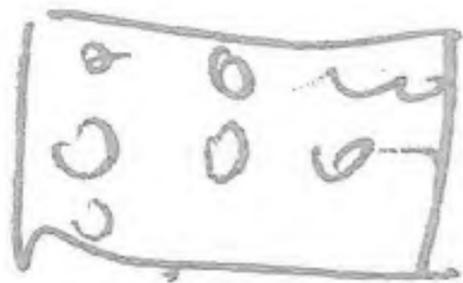
dentro

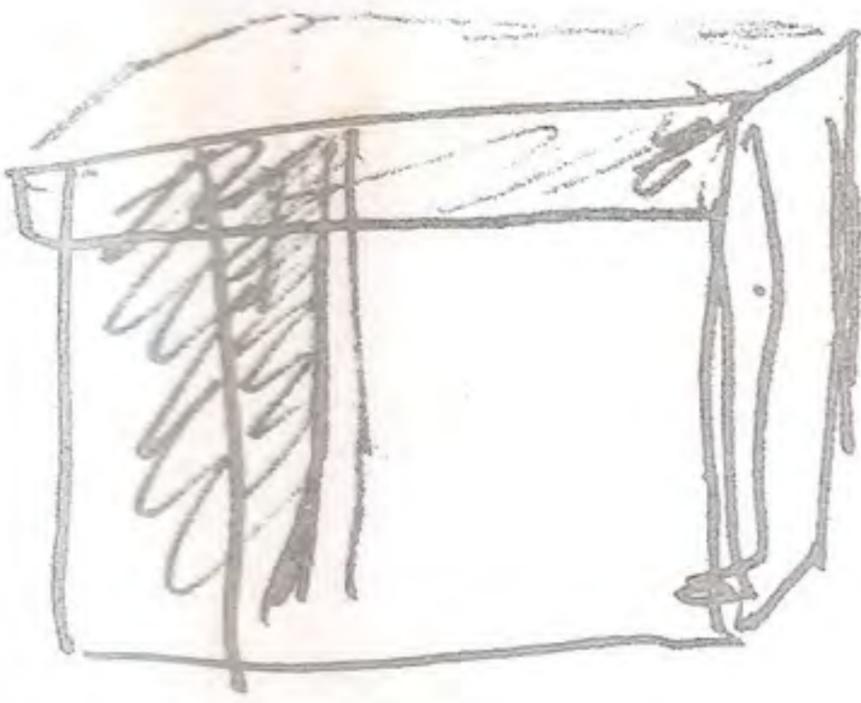
fora



Tijolo

caixa

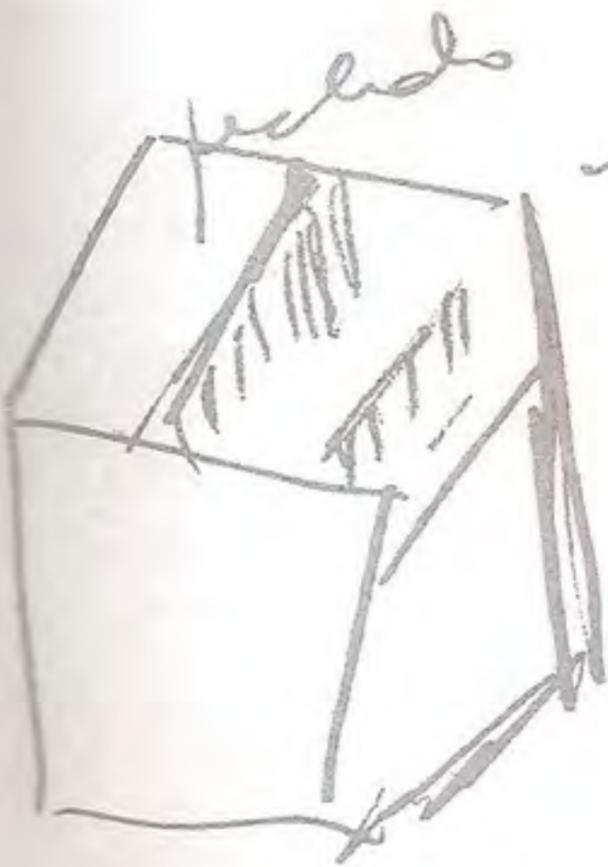




Colo las
as contra
forma



seca por
pre

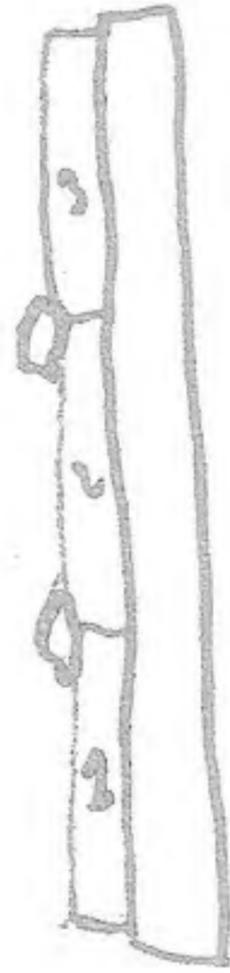
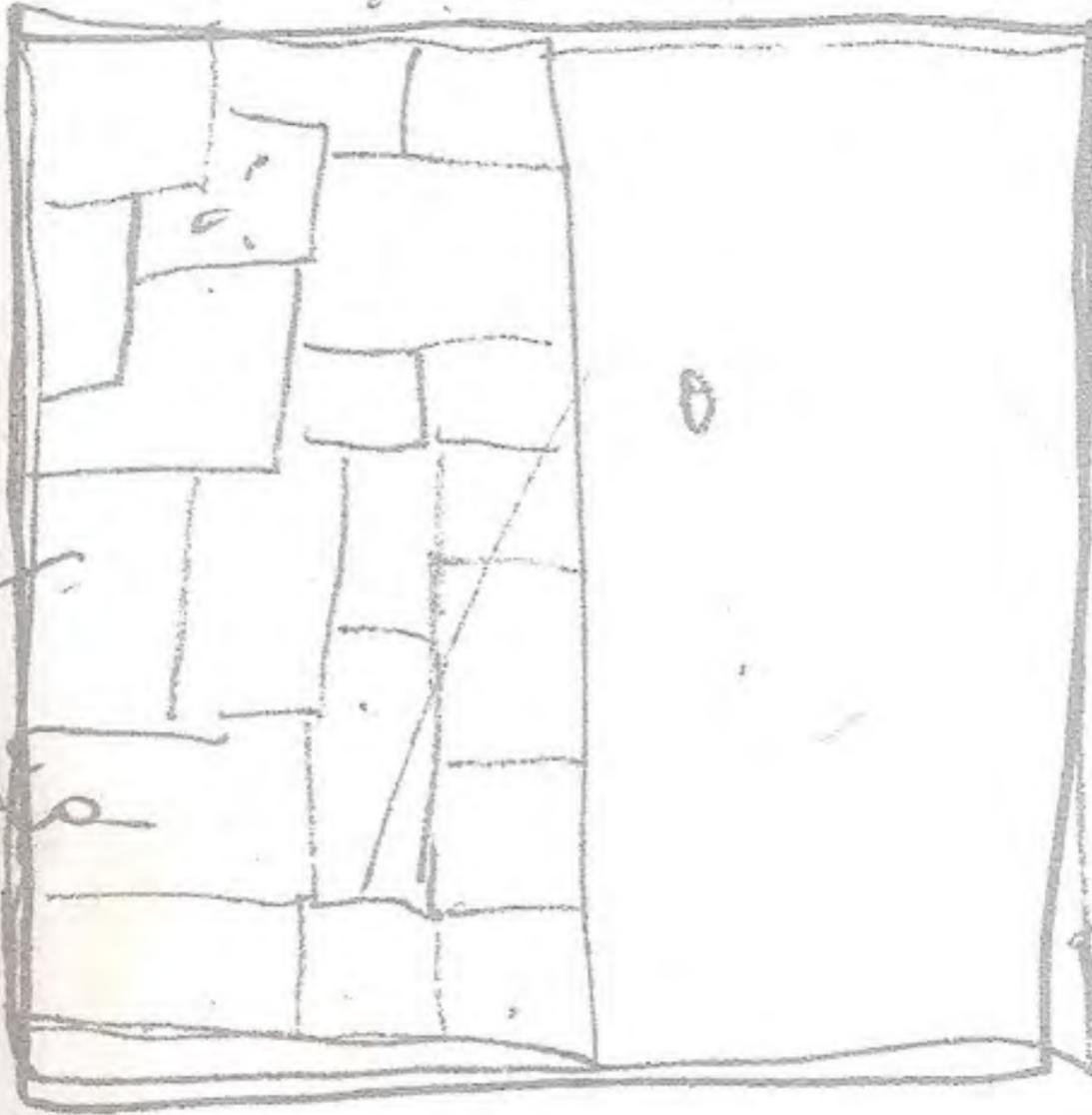


seca



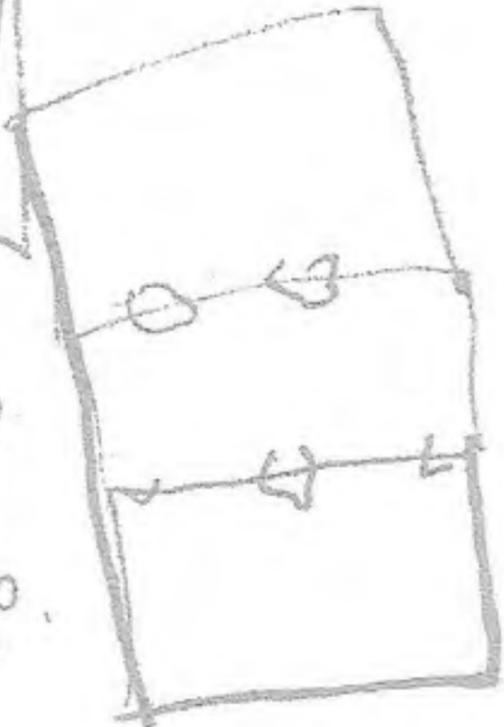
Caixas : ?

90 x 90



cerâmica

50kg cerâmica
ou



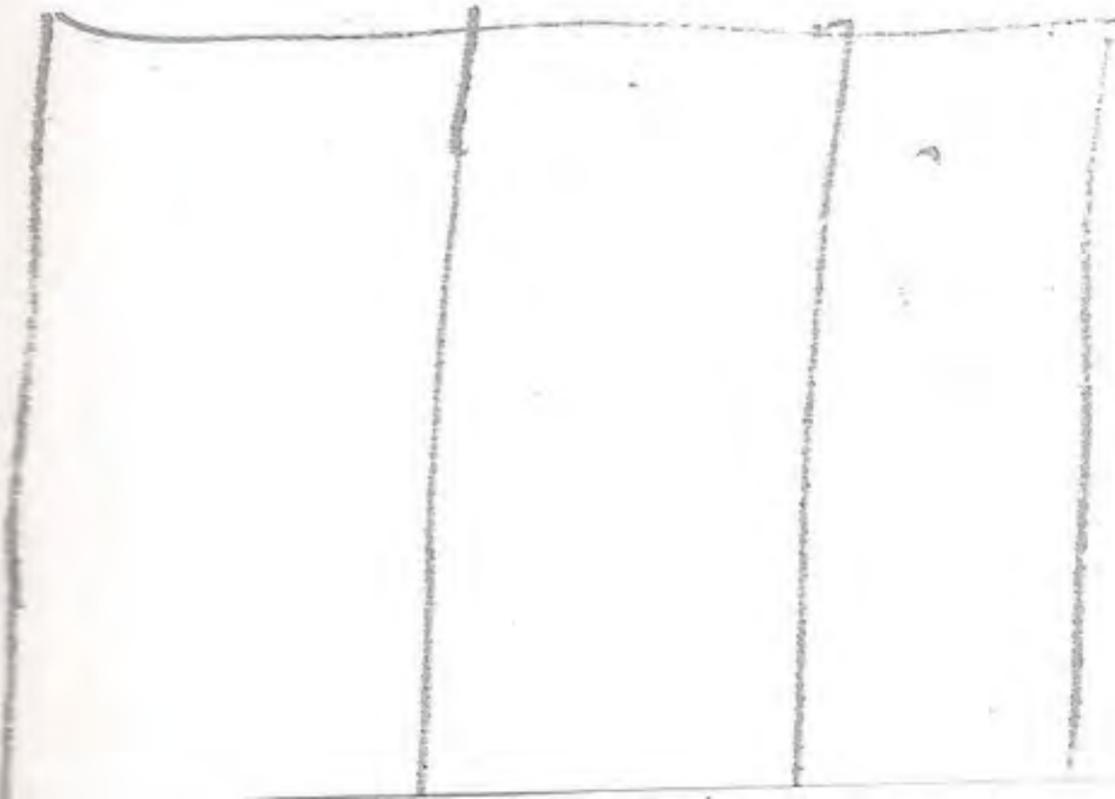
512

220

70

90

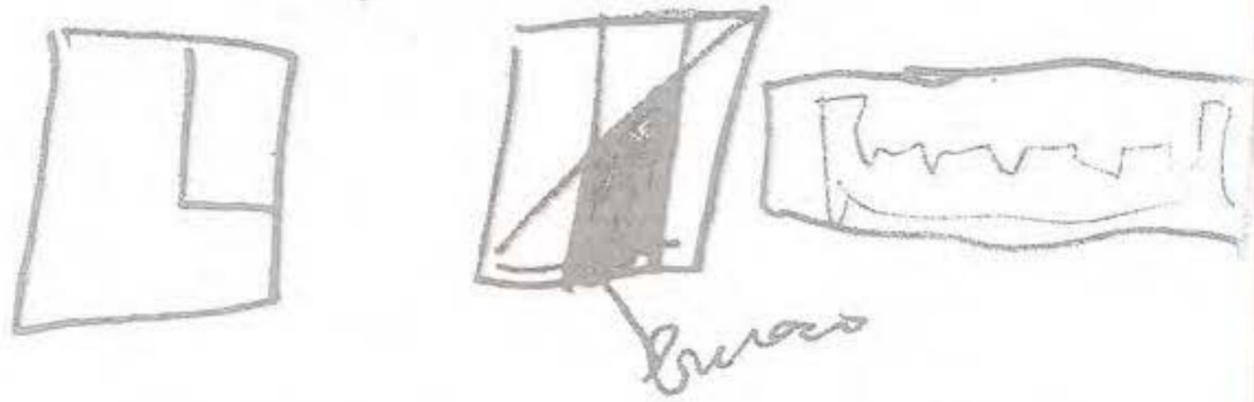
70 x 70 x 40



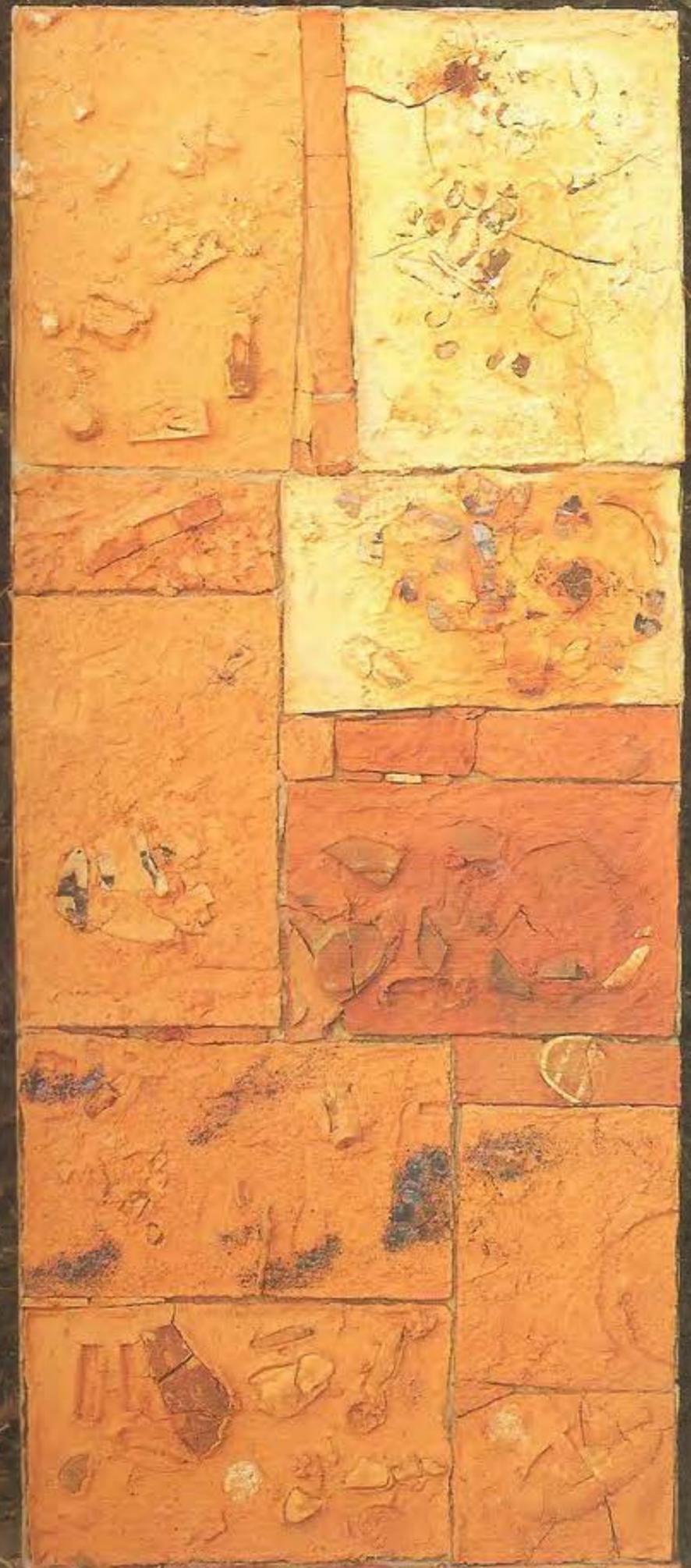


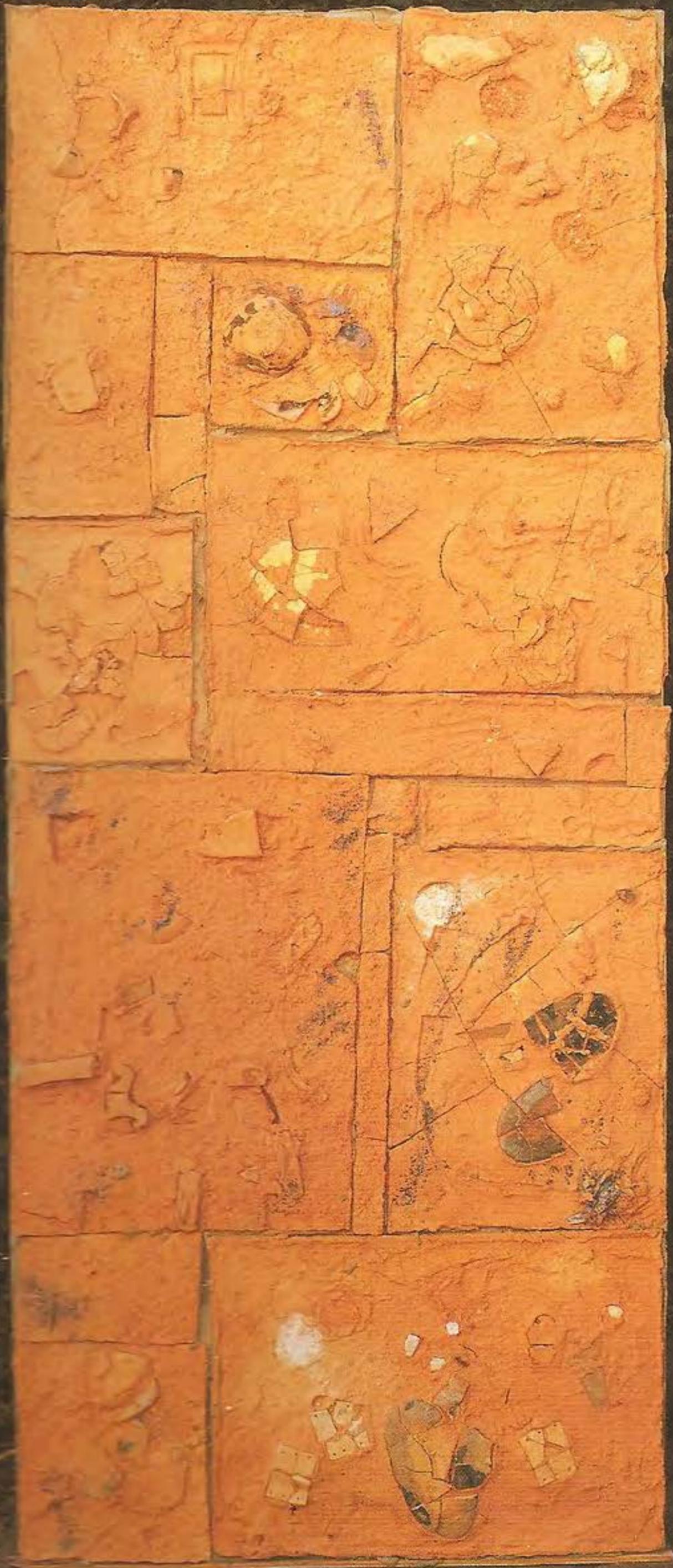
SAUDADE

Se eu não abrir a
 mão sei o que tem de
 Para que saber?



os buracos são um
 intrusões
 para ver dentro!









How to build a house

Representational or realistic imagination
Can be the bridge or passage to
Poetic or creative imagination.
From the realm of (sensitive) perception to
The realm of dreams, oneiric
Archetypes recorded in the unconscious.

The wooden cube —carved, decayed, eroded— suggesting the geometry of an archaic uneven stairway, leading the spectator to the imaginary space of some secret invisible compartment, lied at the dining room.

Brought by ocean streams, wind, water, and salt, by tides and waves, onto the roughness of some beach in Turkey.

Adel moved towards creating small buildings that openly reveal their interiors, until then scarcely revealed through small doors, the likes of stalactites and stalagmites within the hidden compartments of a cave.

Precise interior shapes, direct, true, and needed to a shelter, to a house, like well to water, stairway communicating levels and other 50-some constructions.

The stairway created, modeled, and petrified by Adel and the fated wooden cube, found by a friend, are closer to each other than identical twins, belongings of the same irreversible fortune.

Stairway, poetic creation; wooden cube, random history. Different origins to one single end.

The 'How to build a house' project responds to the incorporation of diverse stimuli, including inexplicable but relevant events such as the enigmatic finding of the cube, which recreates time, not appreciating what has come before but what comes next.

Adel wanders within a mix of trance and clarity throughout the path of his project. Feelings, intuition, reason, instinct.

Words, phrases, thoughts, sensations, diverse stimuli, memories, and oblivion circulate in apparent disconnection, fertilizing each stage.

water? Well . stairway, brush, rags, blankets to fold, boxes with lids, cross, florals, turnovers to fry, stones, mistakes, what do I need to move on with life?, metaphors, ambiguities, open and go for it, I want to see show what is in it, to widely open the interior, in a white paradoxical memory, like the capsule I will live in, in this hell, God's

idea, bearded man, from the top floor, overseer, judge, walls, stones, clay, earth, abandonment, death, scum, rifts, folds, cracks, wrecks, avidity in life...

Automatic writing; inventory searching for the indispensable. Whatever makes sense for the shelter. Truth

Unnecessary outdated content; items no longer needed are dismantled, eliminated or incorporated to the wall of the installation.

There remains the precise, the needed, and the truth. And period.

The vertical wall and the objects that reveal the interior, horizontally placed, exact within the installation space-time, also suggest infinity. Nothing accepts the condition of contained.

That which is lost, that which is gained.
Like death. Like life

All is transfigured in Adel's *poiesis*. Chaos is arranged into universal knowledge, that which makes us all equals.

Have you heard Adel? Have you read his notebooks?

How to build a house, how to build life containing death?

Megume

Early winter

July 2003

P.S.- the notebooks are intimate, reflexive (a separate work).

The installation, for spectators to be affected in reason and at their nervous centers.

COMO FAZER UMA CASA

A imaginação representativa ou realista pode ser ponte ou passagem para a imaginação poética ou criativa.

Do reino da percepção (sensitiva) para o reino dos sonhos, onirismo dos arquétipos gravados no inconsciente.

O cubo de madeira, esculpido, carcomido, erodido, sugerindo geometria de uma escada irregular arcaica, que leva o espectador ao espaço imaginário de algum compartimento secreto e invisível, estava na sala de jantar.

Trazido pelas correntes marítimas, vento, água e sal, pelas marés e ondas, na aspereza de alguma praia da Turquia.

Adel estava avançando a criação de pequenas construções que revelam abertamente os interiores, anteriormente pouco revelados através de pequenas portas como estalactites e estalagmites em compartimentos ocultos de uma gruta.

Formas interiores precisas, diretas, verdadeiras e necessárias para um abrigo, uma casa, como poço para água, escada para passagem de níveis e outras 50 e tantas construções.

A escada criada, modelada e petrificada por Adel e o cubo de madeira ao léu, achado por uma amiga, são mais íntimos do que duas gêmeas idênticas, pertencem ao mesmo destino irreversível.

Escada, criação poética; cubo de madeira, história aleatória. Origens diferentes para um único fim.

O projeto "Como fazer uma casa" responde incorporando estímulos diversos, inclusive acontecimentos inexplicáveis, mas marcantes como o achado enigmático do cubo, que recria o tempo, não valorizando o que vem antes, o que depois.

Adel se movimenta num misto de transe e lucidez durante a trajetória do seu processo. Sentimentos, intuição, razão, instinto.

Palavras, frases, pensamentos, sensações, estímulos diversos, memórias, imêmorez circulam aparentemente desconexos, fertilizando cada etapa.

água? poço. escada, escova, pedaço de pano, cobertores para dobrar, caixas com tampa, cruz, florais, pastéis para fritar, perdas, enganos, o que preciso para seguir minha vida?, metáforas, ambigüidades, abre e vai direto, quero ver e mostrar o que há dentro, escancarar o interior, em branca memória, paradoxal, qual a cápsula em que vou viver, neste inferno, idéia de Deus, homem barbudo, no andar de cima, feitor, juiz, paredes, pedras, barro, terra, abandono, morte, escórias, gretas, reentrâncias, rachaduras, destroços, avidez da vida...

Escrita automática, inventário em busca do imprescindível. O que tem sentido no abrigo. Verdade.

Conteúdos desnecessários, ultrapassados, não mais precisos vão sendo desarmados, eliminados ou incorporados no muro da instalação.

Permanece o preciso, necessário, verdadeiro. Nisto é radical.

O muro vertical e os objetos que revelam o interior, dispostos na horizontal, exatos no espaço-tempo da instalação, sugerem também o infinito. Nada aceita a condição de contido.

O que perde, o que ganha.
Como a morte. Como a vida.

Tudo se transfigura na *poiesis* de Adel. O caos se ordena em conhecimento universal, que nos torna iguais.

Você já ouviu Adel? Viu seus cadernos?

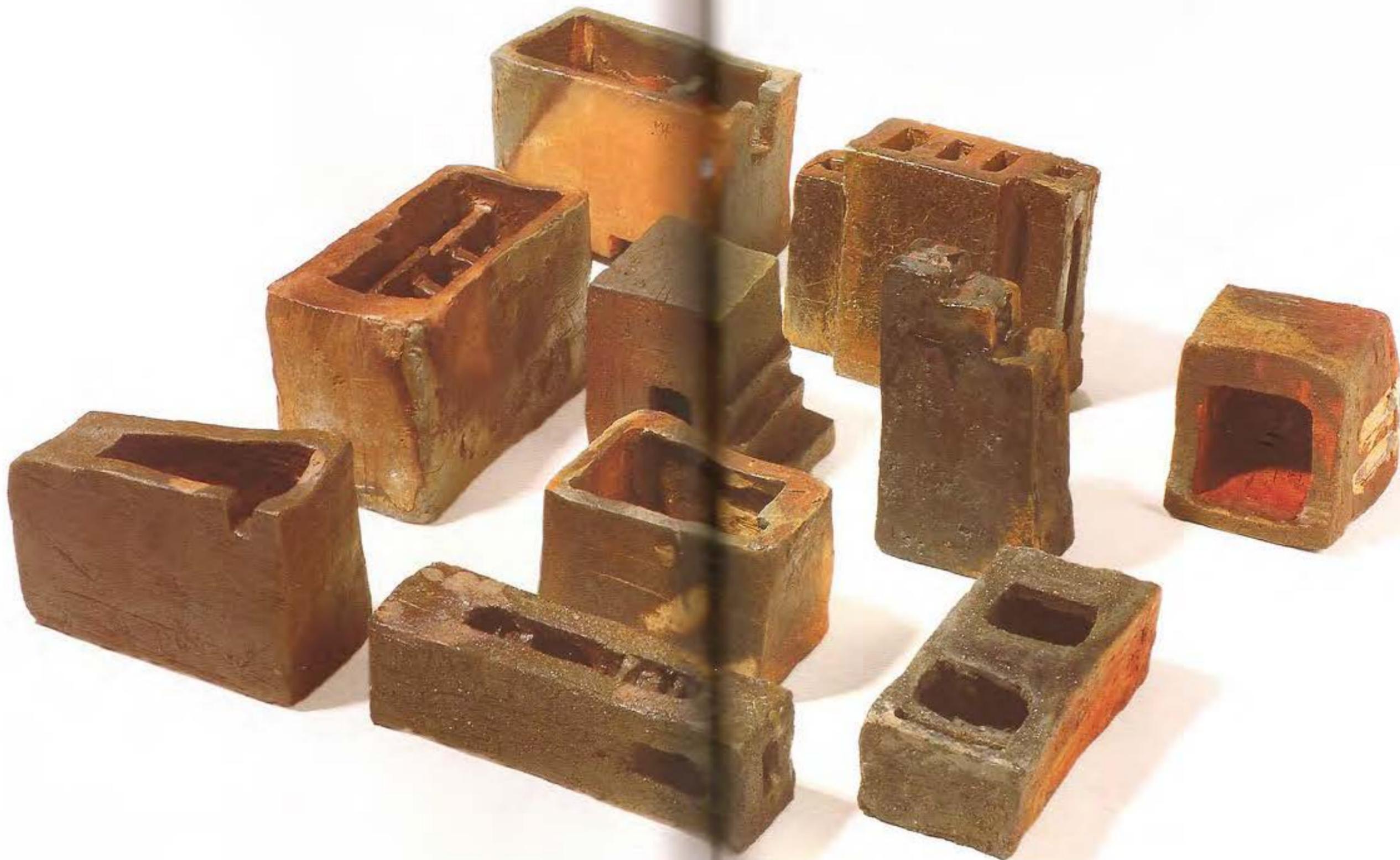
Como fazer uma casa, como construir a vida que contém a morte?

MEGUMI YUASA

Início de inverno, julho de 2003

P.S. Os cadernos são íntimos, reflexivos [uma obra a parte].
A instalação, para o espectador ser afetado na razão e no centro nervoso.





ADEL SOUKI

EXPOSIÇÕES INDIVIDUAIS

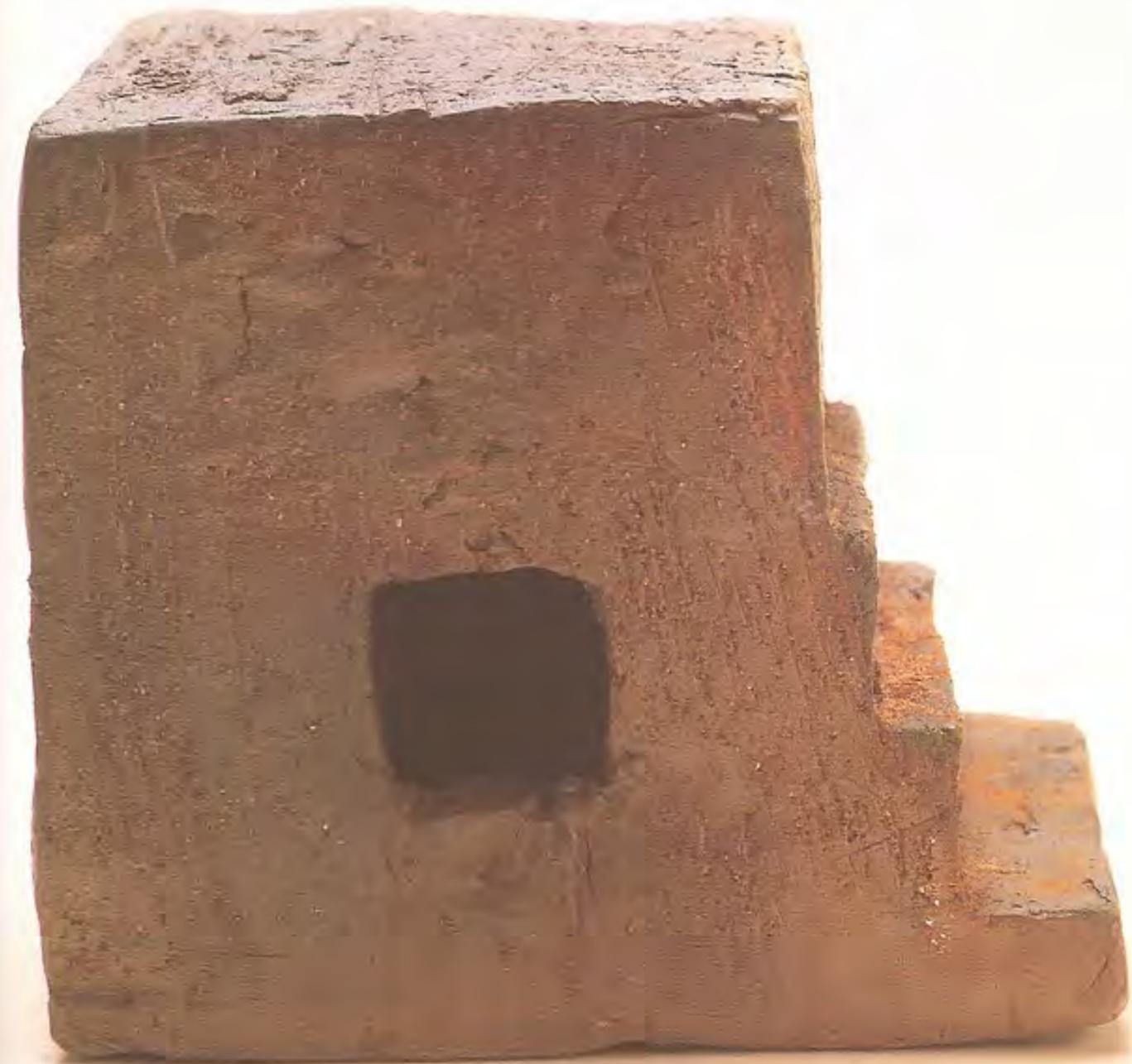
Fundação de Arte de Ouro Preto / MG · 1985
Kolams Galeria de Arte · Belo Horizonte/MG · 1996
Galeria de Artes da UFES · Vitória/ES · 1997
III Festival de Cultura de Tiradentes / Capela Bom Jesus · Tiradentes/MG · 2000
Mistérios · Espaço Cultural dos Correios · Rio de Janeiro/RJ · 2001

PRINCIPAIS EXPOSIÇÕES COLETIVAS

IV e VI Salão Nello Nuno · Palácio das Artes · Belo Horizonte/MG · 1979 e 1981
XI e XIII Salão Nacional · MAP · Belo Horizonte/MG · 1979 e 1981
I Salão de Artes Visuais · Palácio das Artes · Belo Horizonte/MG · 1985
Galeria Itaú: Belo Horizonte/MG, 1987 · Vitória/ES, 1992 · São Paulo/SP, 1994
Escultura Contemporânea de Minas Gerais · Palácios das Artes · Belo Horizonte/MG · 1998
Identidade Virtual · FAOP · Ouro Preto/MG · 1994
Ritos · Espaço Cultural Cemig · Belo Horizonte/MG · 1995
II Salão Nacional de Salvador / MAM · Salvador/BA · 1995
Três Inscrições na Terra · Museu da Inconfidência · Ouro Preto/MG · 1996
Prospecções: Arte nos Anos 80 e 90 · Palácio das Artes · Belo Horizonte/MG · 1997
A Ponte · Palácio das Artes · Belo Horizonte/MG · 1997
30º Festival de Inverno da UFMG, Centro Cultural UFMG · Belo Horizonte/MG · 1998
Territórios · Centro Cultural UFMG 10 anos · Belo Horizonte/MG · 1999
Todos os Fogos · Galeria da UFMG, Belo Horizonte/MG · 1999
Ouviramdú · Escola Guignard · UEMG · Belo Horizonte/MG · 2000
Gabinete de Arte · Prefeitura de Belo Horizonte/MG · 2000
Brasil do Novo Milênio · Funalfa · Juiz de Fora/MG · 2001
34º Festival de Inverno da UFMG · Diamantina/MG · 2002
Como fazer uma casa · Cemig Espaço Cultural/Galeria de Arte · Belo Horizonte/MG · 2003

REFERÊNCIA

- In: RIBEIRO, Marília Andrés e SILVA, Fernando Pedro (org.), *Um Século de História das Artes Plásticas em Belo Horizonte*, Belo Horizonte: Editora C/Arte, 1997.
- In: Ceramic Review Magazine, n° 133 (1992) e 154 (1995).
- CD-ROM *Um Século de História das Artes Plásticas em Belo Horizonte* dirigido por Jefferson Vieira, 1997.
- Vídeo Brasil 500, apresentado na TV MINAS, 2000.
- In: SAMPAIO, Marcio, Gabinete de Arte, *Mágicas Construções*, Belo Horizonte, 2000.
- In: SAMPAIO, Marcio, Catálogo exposição *Mistérios*, Tiradentes, 2001.



- p01 a p12 Forno e queima · atelier da artista · Brumadinho/MG · 2003
- p13 a p24 Caderno · 16 x 23 cm · 2002/2003
- p25 Muro (módulo) · cerâmica · 90 x 220 cm · 2003
- p27 Muro (módulo) · cerâmica · 90 x 220 cm · 2003
- p28 e p29 Muro (detalhe) · cerâmica · 1160 x 220 cm · 2003
- p31 Muro (módulo) · cerâmica · 90 x 220 cm · 2003
- p35 Cerâmica · 15 x 28 x 16 cm · 2002
- p36 e p37 Conjunto (10 peças) · cerâmica · medidas variáveis · 2002
- p39 Cerâmica · 16 x 29 x 13 cm · 2002

texto

Megumi Yuasa

projeto gráfico

Marconi Drummond

Marcelo Drummond

fotografia

Miguel Aun

período de exposição

Adel Souki:

Como fazer uma casa

13 de agosto a

3 de setembro 2003

atelier Adel Souki

Rua Nova Era 380

Belo Horizonte MG

adel@vsnet.com.br



Cemig Espaço Cultural · Galeria de Arte

Av Barbacena · 1200 · térreo · Belo Horizonte MG